

## **“RUDES CRONISTAS DOS ACONTECIMENTOS”: AS FONTES ORAIS E A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA DE OS SERTÕES**

*Edson Santos Ferreira da Silva*  
Graduando pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
E-mail: edsonsferreira\_8@hotmail.com

**Palavras-chave:** História. Fonte oral. Os Sertões. Euclides da Cunha.

No processo de construção da narrativa de *Os Sertões* (1902), a relevância das fontes orais tem merecido a atenção de diversos estudiosos entre esses se podem citar, Walnice Nogueira Galvão, Roberto Ventura entre outros. A este respeito, Ventura (1997, p. 89) destacou que, a partir de testemunhos orais, poemas populares e profecias apócrifas, Euclides da Cunha (1866-1902) interpretou a Guerra de Canudos (1896-1897). Assim, no primeiro dos 34 artigos redigidos entre março a outubro de 1897 a cerca da temática de Canudos intitulado *A nossa Vendéia*, Euclides argumentou que a região do extremo norte da Bahia não era totalmente desconhecida (VILLA, 2002, p. 11-12). Devido à repercussão da matéria anteriormente citada, o engenheiro escritor tornou-se correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*, permanecendo no *front* de 16 de setembro a 03 de outubro (VENTURA, 2001, p. 92).

A condição de correspondente proporcionou a Euclides recolher informações diretamente das personagens envolvidas no conflito que se desenrolou no sertão baiano. Assim, quando se encontrava na cidade do Salvador, o futuro autor de *Os Sertões* entrevistou Agostinho, um jovem prisioneiro conselheirista, que não passava dos 14 anos de idade. Na entrevista, ocorrida em 19 de agosto, o jornalista conseguiu preciosas informações sobre Antonio Conselheiro e o seu séquito. A partir do encontro com o adolescente sertanejo, o autor da obra vingadora obteve a confirmação de ser João Abade o braço direito de Conselheiro e que Macambira, apesar da covardia, era quem preparava as terríveis ciladas contra as tropas republicanas. Ademais, tomou contato com aspectos relacionados ao cotidiano do arraial, a exemplo dos trabalhos agrícolas e da criação de animais.

Através de Agostinho, Euclides obteve, ao contrário do que imaginava, uma representação de Conselheiro como um homem asseado, tanto em suas roupas, quanto no corpo e nos cabelos – uma imagem totalmente oposta à idealizada pelo engenheiro letrado, que concebia o peregrino dotado de uma cabeça na qual “fervilhavam vermes”, enfim, um homem sujo, de aspecto repugnante.

Outras informações emprestadas pelo garoto a Euclides diziam respeito ao armamento utilizado pelos conselheiristas. Inicialmente, asseverou o sertanejo, as armas portadas pelos seguidores de Conselheiro consistiam em espingardas comuns e bacamartes – assim como algumas espingardas mais pesadas de bala. Contudo, após a primeira expedição, chefiada pelo Tenente Pires Ferreira, novas armas chegaram às mãos dos defensores de Canudos.

A religiosidade também esteve presente na entrevista. O correspondente de guerra perguntou a Agostinho sobre os pretensos milagres realizados por Antonio Conselheiro. O menino afirmou nunca ter visto nem ouvido nada a este respeito. Frente à assertiva, Euclides concluiu a reportagem com a seguinte frase: “Estas revelações feitas diante de muitas testemunhas tem para mim um valor inestimável; não mentem, não sofismam e não iludem, naquela idade, as almas ingênuas dos rudes filhos do sertão” (CUNHA, 2006, p. 55). Portanto, demonstrava confiar nas informações prestadas pelo entrevistado.

Em setembro, já em Canudos, Euclides adentrou no cenário da guerra e estabeleceu contato com outros informantes sertanejos, a exemplo de uma anônima prisioneira conselheirista, interrogada por oficiais do Exército na presença do engenheiro letrado. Assim, na matéria datada de 26 de setembro, o correspondente demonstrou surpresa para com o comportamento da interrogada frente aos inquiridores. Na verdade, a mulher, de certa forma, enfrentava os militares, esquivando-se habilmente das suas perguntas. Uma tática da prisioneira chamou a atenção de Euclides: todas as suas frases se iniciavam com a expressão “e eu sei?”, equivalente ao não. Como destacou Euclides, não se diferenciava o interrogado do interrogador.

Nas páginas de *Os Sertões*, o engenheiro escritor narrou outro encontro marcante com um morador de Canudos, registrado na cidade de Queimadas. Aqui, tratava-se de um menino, com a idade estimada em menos de nove anos, que fumava e sabia manusear armas. Questionada se já havia atirado, a criança respondeu: “E porque não?”. O pequeno falava bastante, e muito do que dizia, sublinhou Euclides, era falso. Demonstrou conhecimento acerca da aparelhagem bélica utilizada pelas tropas federais, pois, quando um soldado

adentrou ao recinto com arma em mão, o menino afirmou que aquela não prestava, por fazer um “zoadão danado” e não ter grande força.

Os dois primeiros depoimentos, o de Agostinho e o da mulher, podem ser encontrados nas páginas do *Diário de uma expedição*. No entanto, não se pode dizer o mesmo do menino de nove anos, pois não se encontra na obra mencionada de Euclides da Cunha. Ademais, o interrogatório da prisioneira pode ser encontrado ainda na *Caderneta de Campo*. Portanto, o encontro de Queimadas somente foi narrado em *Os Sertões*, no qual também registrou o interrogatório da moradora de Canudos. Dessa forma, o depoimento da conselheirista encontra-se presente nas três séries de escritos euclidianos sobre a Guerra de Canudos – o que lhe garante certo *status* de veracidade. A entrevista com Agostinho, por ter sido a primeira realizada por Euclides com um morador do arraial e ser presenciada por várias testemunhas como o próprio Euclides asseverou, também ganha ares de veracidade. Mas, em relação ao episódio de Queimadas, em um primeiro momento, parece uma cena elaborada por Euclides, com o intuito de desmentir a entrevista de Agostinho.

Pode-se argumentar que devido à imagem negativa construída a respeito de Antonio Conselheiro e dos demais moradores de Canudos desfeita por Agostinho, o correspondente optou por inserir em sua obra maior a atitude de uma criança que mentia, fumava e sabia manusear uma arma, com o propósito de validar as suas idéias preconcebidas. Se a cena relacionada à criança foi algo tão marcante, tanto para Euclides, quanto para os demais presentes, por que o correspondente de guerra não escreveu nenhuma reportagem referente ao assunto? Essa questão tem importância para discutir a forma como o engenheiro letrado lidou e utilizou as fontes orais referentes à guerra ocorrida no sertão baiano. Será que realmente o autor de *Os Sertões* inventou o acontecido de Queimadas, para manter a visão sombria acerca de Canudos, excluindo da obra vingadora o depoimento do garoto que não mentia e incluindo o depoimento de uma criança que era o inverso da primeira?

A querela, evidenciada no presente trabalho, pode ser respondida por uma carta de Lélis Piedade, outro correspondente de guerra, enviado do *Jornal de Notícias*. Na missiva, Piedade mencionou o episódio ocorrido em Queimadas, a ponto de nomear a criança, que se chamava Joaquim (GALVÃO, 1994, p. 343). Desta forma, fica comprovado que Euclides da Cunha não inventou o caso ocorrido, mas, levanta-se aqui uma hipótese de que a cena propriamente como um todo realmente não foi inventada por Euclides, mas as palavras proferidas pelo menino talvez sim. Analisando a *Caderneta de Campo* e comparando-a com a descrição da cena em *Os Sertões* nota-se que talvez as palavras pronunciadas pelo menino

tenham sido expressões de outras pessoas que Euclides ouviu e anotou em sua caderneta reunindo-as na fala do garoto.

Por outro lado, a ausência de outro registro por parte de Euclides em relação a Joaquim pode ser justificada com uma afirmativa de Olimpio de Souza Andrade, segundo a qual algumas cartas do correspondente foram extraviadas ou demoraram a chegar à redação do jornal como nos relata Andrade nos comentários da publicação da Caderneta de Campo de Euclides da Cunha, feita por ele em 1975. Assim, coloca-se uma nova questão: será que Euclides escreveu algo sobre o menino Joaquim e a reportagem não chegou à redação de *O Estado de S. Paulo*?

Ainda, no que se refere à entrevista realizada com Agostinho, o encontro trouxe informações cruciais para Euclides e foi utilizado na construção de *Os Sertões*. No que se refere às contribuições emprestadas pela entrevista, destacam-se os subsídios pertinentes à religiosidade dos moradores do Belo Monte. Na matéria em questão, pode-se notar a curiosidade de Euclides em relação ao tema, já que o correspondente acreditava que a comunidade sertaneja era *sebastianista*. No entanto, Agostinho nada disse a respeito. Não obstante, o autor do livro vingador manteve a idéia preconcebida de Canudos como um movimento de caráter messiânico.

Frente à anônima prisioneira, Euclides demonstrou surpresa, resumida na seguinte afirmativa: “E assim vão torcendo e evitando a todas as perguntas, fugindo vitoriosamente ao interrogatório mais habilmente feito” (CUNHA, 2006, p. 97). No interrogatório, evidenciou-se o choque entre duas culturas. A seguir trechos do interrogatório que ilustra a afirmativa acima:

— Onde está teu marido?

— No céu.

— Que queres dizer com isto?

— Meu marido morreu.

E o olhar correu rápido e fulgurante sobre os circunstantes sem se fitar em ninguém.

(...)

— Há muita gente aí, em Canudos?

— E eu sei?... Eu não vivo navegando na casa do outro. Está com muito dia que ninguém aí por via da peças. E eu sei contar? Só conto até quarenta e rola o tempo pra contar a gente de Belo Monte...

— O Conselheiro tem recebido algum auxilio de fora, munições, armas?...

— E eu sei? Mas porem em Belo Monte não manca arma nem gente pra brigar.

— Onde estava seu marido quando foi morto?

Esta pergunta foi feita por mim e em má hora a fiz. Fulminou-me com o olhar.

— E eu sei? Então querem saber de tudo, do miúdo e do grande. Que extremos!...

E uma ironia formidável, refletida nos lábios secos que ainda mais se rugaram num sorriso indefinível, sublinhou esta frase ativa, incisiva, dominadora como uma repressão (CUNHA, 2006, p. 95-97).

Ou seja, a interrogada, ao invés de se sentir coagida, face à situação em que se encontrava, ao contrário, desafiava seus interrogadores. Aqui, trata-se de um choque entre a cultura litorânea, dita civilizada, e a sertaneja, vista por Euclides, como atrasada. Ginzburg (1989, p. 207) denominou esse choque cultural de *disposição dialógica*, que consiste no confronto de duas culturas opostas de maneira explicitada. No interrogatório acima podemos identificar essa dualidade, observamos duas vozes distintas, tanto dos interrogadores (que pela posição ocupada, supostamente, estariam em vantagem) quanto da interrogada que permaneceu sozinha diante seus inquisidores. O historiador italiano no ensaio intitulado *O inquisidor como antropólogo: uma analogia e as suas implicações*, asseverou que “em alguns casos excepcionais temos um verdadeiro diálogo: podemos ouvir vozes distintas, podemos detectar um choque entre verdades diferentes ou mesmo contraditórias” (GINZBURG, 1989, p. 208). A mesma observação pode ser também aplicada ao interrogatório pelo qual foi submetido o jovem conselheirista – que apresentou a Euclides uma verdade totalmente oposta à que ele sustentava e sustentou em *Os Sertões*.

Os testemunhos orais e os fatos presenciados por Euclides da Cunha foram de fundamental importância para a construção da narrativa de *Os Sertões*. As fontes orais, utilizadas pelo autor do livro vingador, supriram as informações que engenheiro letrado não conseguiu obter em outras modalidades de registro histórico, a exemplo das fontes escritas. A utilização da oralidade colocou Euclides, conforme destacou Ferreira (1997, p. 137), como um dos primeiros ensaístas brasileiros a utilizar e julgar válida esse tipo de fonte em uma narrativa escrita.

Então, encontra-se na obra maior de Euclides a presença da oralidade, seja registrada “no calor da hora” pelo correspondente de guerra, ou na forma (utilizando um termo usado por Carlo Ginzburg (1989) no ensaio aqui já mencionado) de “registros escritos de produções orais”, como foi o caso dos poemas e das profecias apócrifas, encontrados nas ruínas do *Belo Monte*. Desta maneira, o engenheiro-letrado procurou dar voz ao outro, inimigo das suas concepções políticas e do seu universo cultural. “Mesmo assim, o autor de *Os Sertões* não se

desfez dos preconceitos e criou uma imagem negativa do arraial e dos seus habitantes, adjetivando Canudos como ‘urbs’ monstruosa, na qual residiam fanáticos e imperava o crime” (VENTURA, 2001, p. 89, 93).

De toda sorte, Euclides interpretou Canudos enquanto comunidade messiânica, chegando a esta conclusão ao tomar contato com os poemas e as predições, referidas anteriormente. O correspondente de guerra atribuiu a autoria deste material a Antonio Conselheiro, hipótese desmentida posteriormente. Não obstante, essa foi uma das razões que o fizeram enxergar a gente do Belo Monte como integrante de um movimento milenarista, à espera do retorno do rei português D. Sebastião (1554-1578) – que, chefiando os seus exércitos celestes, salvaria os fiéis das forças demoníacas da República.

Ao ter acesso aos poemas e às profecias, Euclides da Cunha os transcreveu em sua caderneta e, posteriormente, parte desse material, foi utilizado na construção de *Os Sertões*. Na obra vingadora, utilizou a chamada *Profecia das nações*, assim como, algumas quadras de outro manuscrito encontrado, no qual a República e as consequências funestas da sua Proclamação eram temas recorrentes. Outro achado euclidiano bastante interessante foi o *ABC da incredulidade*, não empregado na obra vingadora. A este respeito, destaque-se que o ABC comemorava a vitória dos canudenses sobre a expedição Moreira César – talvez se encontre neste ponto a explicação para a não utilização dos versos. Outra profecia mencionada em *Os Sertões* foi a *Profecia de Jerusalém*.

Um elemento que salta aos olhos, tanto na *Profecia das nações*, quanto nas quadras, foi a presença do mito do retorno de D. Sebastião, o que reforçou a idéia de alguns autores, dentre eles Euclides, que Canudos se tratava de uma comunidade sebastianista:

D. Sebastião já chegou  
E traz muito regimento  
Acabando com o civil  
E fazendo o casamento!

O Anti-Cristo nasceu  
Para o Brazil governar  
Mas ahi está o Conselheiro  
Para d'elle se livrar!

Visita nos vem fazer  
Nosso rei D. Sebastião.  
Coitado daquele pobre  
Que estiver na lei do cão! (CUNHA, 2001, p. 320).

Estas rimas reforçam as convicções dos militares, compartilhadas por Euclides, que viam em Canudos uma ameaça monarquista para a nascente República. Para o jornalista frente ao perigoso “monarquismo” do séqüito de Antonio Conselheiro, nada se podia fazer, a não ser aniquilar os fanáticos. No entanto, assinala-se que, nos versos sertanejos, a condenação à República era direcionada estritamente para a questão religiosa. Na segunda estrofe, pode-se encontrar uma evidencia maior de tal argumento. Na segunda estrofe, pode-se encontrar uma evidência maior de tal argumento. O conselheiro e seus seguidores condenavam a República pelo fato de o novo regime separar a Igreja do Estado, ao contrário da Monarquia, que tinha na figura do imperador o representante de Deus na Terra. Com a separação entre as esferas do político e do religioso, o matrimonio na igreja perdia sua importância, somente tendo validade legal o casamento civil – a terceira estrofe, acima transcrita, elucida esse fato.

Quanto aos ABC’s das incredulidades, os mesmos não tiveram nenhuma parte transcrita em *Os Sertões*, diferente do ABC exposto aqui anteriormente, do qual o autor transcreveu seis quadras em seu livro.

As predições apócrifas, julgadas equivocadamente como sendo da autoria de Antonio Conselheiro, também serviram como fontes para Euclides da Cunha – como as já mencionadas Profecias de Jerusalém e das nações. A primeira apresenta uma cronologia de fatos históricos, desde a independência do Brasil, 1822, até 1901, ano no qual, segundo o texto, o mundo iria acabar. A profecia em questão foi datada de 1890. Curiosamente, ela se refere que, no ano de 1896, nação entraria em guerra com a mesma nação, e foi nesse ano que se iniciou o conflito no interior da Bahia. Já a segunda predição, trata dos sinais que indicariam o fim dos tempos e o retorno do filho de Deus, quando todos os vestígios fossem apresentados – conforme o seguinte trecho:

Em 1896 há de haver guerra Nação com mesma Nação, o sangue há de correr terra. Em 1897 haverá muito pasto e pouco rasto e um só Pastor e um só rebanho. Em 1898 haverá muitos chapéus e poucas cabeças. [...] Em 1900 se apagarão as luzes. Deus disse no evangelho: eu tenho um rebanho que anda fora deste aprisco e é preciso que se reúnam porque há um só pastor e um só rebanho (CUNHA, 1975, p. 75).

Além dos poemas, das profecias e dos interrogatórios dos prisioneiros assistidos por Euclides da Cunha, o correspondente ouviu dos próprios sertanejos, lendas que cercavam o nome de Antonio Conselheiro. No entanto, como seria possível identificar os lugares dessas

fontes orais em *Os Sertões*? Conforme Santos (2009), quando em certos trechos o engenheiro utilizou termos como “ouvi”, “disse-me”, “contavam-me” ou “relataram-me”, referia-se à utilização das fontes orais. Por exemplo, a lenda a seguir fala de um dos milagres que a tradição popular afirmava ter o Conselheiro realizado, antes do surgimento do Belo Monte, na ocasião da fundação do arraial do Bom Jesus:

Contam as gentes assombradas que em certa ocasião, quando se construía a belíssima igreja que lá está, esforçando-se debalde dez operários por erguerem pesado baldrame, o predestinado trepou sobre o madeiro e ordenou, em seguida, que dous homens apenas o levantem; e o que não haviam conseguido tantos, realizaram os dous, rapidamente, sem esforço algum (CUNHA, 2001, p. 282).

Essas lendas contribuíram também para a elaboração de uma imagem sóbria do Conselheiro, vislumbrado por Euclides como um fanático religioso, assim como os seus adeptos se tratavam de “hipnotizados” – apesar dos prisioneiros não afirmarem que o Conselheiro fazia milagres. A este respeito, o jovem Agostinho entrevistado por Euclides, em agosto de 1897, na cidade do Salvador, ao ser perguntado sobre os milagres realizados pelo líder de Canudos, respondeu nunca ter visto ou ouvido nada a esse respeito. Por outro lado, ouvindo aquilo que alguns dos seus informantes diziam, o engenheiro-letrado afirmou em sua obra maior que:

Ouvi o estranho caso a pessoas que se na haviam deixado fanatizar! Chegou a Monte Santo e determinou que se fizesse uma procissão pela montanha acima, até a última capela, no alto. Iniciou-se à tarde a cerimônia. A multidão derivou lenta, pela encosta clivosa, entoando benditos [...] Ele seguia na frente – grave e sinistro – descoberto, agitada pela ventania forte a cabeleira longa [...] Ao abeirar-se do altar-mor, porem ergue o rosto pálido, emoldurado pelos cabelos em desalinho. E a multidão estremece toda, assombrada... Duas lagrimas sangrentas rola, vagarosamente, no rosto imaculado da Virgem Santíssima (CUNHA, 2001, p. 283).

Não obstante as lendas, Euclides da Cunha nunca ouviu de um morador de Canudos algo a este respeito. Outro fato que o correspondente também nunca ouviu dos moradores do arraial foi de que o Belo Monte era uma comunidade milenarista, messiânica ou sebastianista.

Assim, podemos verificar o quão foram importantes as fontes orais para a construção da narrativa de *Os Sertões*, sejam elas recolhidas no *calor da hora* ou retiradas de *registros escritos de produções orais*. Outro fator importante que podemos analisar é o tratamento que Euclides dá a essas fontes. Sem mesmo nunca ter ouvido nada a respeito do sebastianismo das

peessoas que entrevistou, o correspondente de guerra afirmou em sua obra maior que a comunidade de Antonio Conselheiro esperava o regresso do rei D. Sebastião, pelo fato de encontrar em um dos poemas menção de que o povo do arraial aguardava o retorno do rei desaparecido de Portugal. O que também nos chama atenção é a hipótese de que Euclides tenha construído a fala do garoto Joaquim com um mosaico de expressões que ouviu ao longo de sua permanência no sertão.

Podemos enxergar em *Os Sertões* uma seleção de informações feitas por Euclides para fazer prevalecer seu pensamento assim, como um historiador, e fica evidente também que como as fontes escritas, que tanto Euclides utilizou, as fontes orais também precisam e devem ser avaliadas, pois, nela estão também contidas interesses tanto do entrevistador como do depoente. Nesse caso, o correspondente de guerra assegurou que o depoimento de Agostinho foi de um valor inestimável em sua reportagem, em *Os Sertões* ele omite tal fato. Isso comprova que apesar de dar voz ao outro, Euclides não pôde deixar de lado suas crenças e a influência de sua cultura o que interferiu em seu tratamento às fontes orais.

Como nos lembrou Regina Beatriz Guimarães (2007) deve-se levar em conta “[...] as questões técnicas das entrevistas e o processo de construção da fonte oral aos interesses do entrevistador e do próprio entrevistado, que supera a questão meramente técnica” (GUIMARÃES NETO, 2007, p. 101). O exemplo de Euclides da Cunha demonstra tal situação, pois, conforme assinalou Ventura (1997), o autor de *Os Sertões* “adotou um modo historiográfico ousado, ao dar um arranjo poético ao conflito, criando uma obra híbrida entre a narrativa e o ensaio, entre a literatura e a história” (VENTURA, 1997, p. 18). Portanto, no interior desta obra híbrida não é irrelevante o papel desempenhado pelas fontes orais para a construção da narrativa euclidiana sobre Guerra de Canudos.

## Referências

BERNUCCI, Leopoldo Marco. A ontologia discursiva de ‘Os Sertões’. *História, Ciências, Saúde*, Rio de Janeiro, v. V (suplemento), p. 57-72, jul. 1998.

CUNHA, Euclides da. *Caderneta de Campo*. Introdução, notas e comentário de Olímpio de Souza Andrade. São Paulo: Cultrix, 1975.

\_\_\_\_\_. *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. Edição, Prefácio, Cronologia, Notas e Índice de Leopoldo Bernucci. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

\_\_\_\_\_. *Canudos (Diário de uma expedição)*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

FERREIRA, Jerusa Pires. Canudos – as vozes perdidas. In: ABDALA JR, Benjamim; ALEXANDRE, Isabel M. M. (Org.). *Canudos: palavra de Deus sonho da terra*. São Paulo: Boitempo/SENAC, 1997, p. 137-148.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *No Calor da Hora: a Guerra de Canudos nos jornais*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

GINZBURG, Carlo. O inquisidor como antropólogo: uma analogia e as suas implicações. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1989. p. 203-214.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Memória e relato histórico. *Clio – Revista Histórica*, n. 23, 2007, p. 99-111.

SANTOS, Robson Caetano dos. As fontes orais em Os Sertões. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL 100 ANOS SEM EUCLIDES, 2009, Cantagalo. *Anais...* Cantagalo, 2009.

VENTURA, Roberto. Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na *urbs* monstruosa. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin; ALEXANDRE, Isabel M. M. (Orgs.). *Canudos: palavra de Deus sonho da terra*. São Paulo: SENAC; Boitempo, 1997. p. 89-99.

\_\_\_\_\_. *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*. Organização de Mário César Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VILLA, Marco Antonio. O “Diário de uma expedição” e a construção de ‘Os Sertões’. In: NASCIMENTO, José L. do (Org.). *Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos*. São Paulo: UNESP, 2002. p. 11-39.